

V CONGRESSO NACIONAL DE ARQUIVOLOGIA

ARQUIVOLOGIA E INTERNET:
CONEXÕES PARA O FUTURO

01 a 05 de Outubro 2012 | Salvador-BA
Pestana Bahia Hotel

PLENÁRIAS

www.enara.org.br/cna2012
Salvador. A Capital Nacional da Arquivologia em 2012

SUMÁRIO

430 ANOS DEPOIS... E OS MANUSCRITOS DO MOSTEIRO DE SÃO BENTO DA BAHIA ESTÃO A DISTÂNCIA DE UM –CLICK?! - Alícia Duhá Lose (UFBA/Mosteiro de São Bento)

A PALEOGRAFIA E AS NOVAS TECNOLOGIAS - João Eurípedes Franklin Leal (CONARQ/UNIRIO)

DIPLOMÁTICA: DAS CHANCELARIAS MEDIEVAIS ÀS ESTAÇÕES DE TRABALHO - Rosely Curi Rondinelli (Fundação Casa de Rui Barbosa)

DIGITAL DIPLOMATICS: THE APPLICATION OF CLASSIC DIPLOMATICS TO DIGITAL RECORDS - Sherry L. Xie (UBC/Canadá)

POLÍTICAS ARQUIVÍSTICAS, DADOS ABERTOS, GOVERNO ABERTO E LEI DE ACESSO À INFORMAÇÃO: INDAGAÇÕES E PERSPECTIVAS - José Maria Jardim (UNIRIO)

GESTÃO DE DOCUMENTOS EM AMBIENTES CONECTADOS: O PRONTUÁRIO ELETRÔNICO DE PACIENTES - Jorge Alberto Soares Cruz (FURG)

DOCUMENTOS ARQUIVÍSTICOS DIGITAIS PRODUZIDOS E MANTIDOS EM AMBIENTES CONECTADOS - Claudia Lacombe Rocha (CONARQ/CTDE)

O ARMAZENAMENTO DE DOCUMENTOS ARQUIVÍSTICOS DIGITAIS NA NUVEM: CLOUD COMPUTING - Daniel Flores (UFSM)

INTERNET E ARQUIVOLOGIA: INSTITUIÇÕES ARQUIVÍSTICAS, USUÁRIOS E LEI DE ACESSO À INFORMAÇÃO - Anna Carla Almeida Mariz (UNIRIO)

REFLEXOS TEÓRICOS E PRÁTICOS DA INTERNET SOBRE A ARQUIVÍSTICA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES INICIAIS - Vanderlei Batista dos Santos (Câmara dos Deputados)

A PALEOGRAFIA E AS NOVAS TECNOLOGIAS

João Eurípedes Franklin Leal

Professor Livre-Docente de Paleografia, Núcleo de Paleografia e Diplomática
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/ UNIRIO - CONARQ/Conselho
Nacional de Arquivos

A Paleografia foi sistematizada teoricamente no final do século XVII e por sua particularidade de tratar de leitura, transcrição e interpretação de manuscritos acabou estigmatizada de ser avessa a nova tecnologias e a novos procedimentos. Entretanto a realidade de seu passado e de seu presente mostra uma posição bastante diferente. A figura do paleógrafo ficou estereotipada como de um monge, preferencialmente beneditino, fechado em um pequeno mundo circundado de velhos documentos manuscritos, de cartulários enigmáticos, estacionados unicamente na idade média e avesso a qualquer modernidade.

Na verdade, como sabemos todos, a paleografia oficial surgiu com D. Jean Mabillon, monge da Ordem de S. Bento, que publicou, em 1681, na cidade de Paris, o livro *De Re Diplomatica*. Entretanto, na prática, a paleografia, sem usar este nome, já existia há séculos. Com absoluta certeza, desde os tempos do Egito faraônico, passando pela Grécia e por Roma clássicas já havia a prática de reproduzir, de copiar velhos e novos manuscritos. Obras literárias, religiosas, de medicina, de astrologia e etc. conseguiram chegar à idade média e depois à idade moderna pela mão de copistas e de escribas que agiram como paleógrafos, lendo e transcrevendo manuscritos. Estes mesmos indivíduos, nestas centenas e centenas de anos, ao assim agirem, com toda certeza tiveram que acompanhar as lentas e relativamente pequenas evoluções tecnológicas de então. Não eram revoluções tecnológicas mas sim, sem dúvidas, evoluções da arte de escrever acompanhando as novas técnicas que lentamente surgiram.

Assim, toda uma técnica evoluiu e em alguns momentos envolveu desde que os suportes para a escrita passaram das tábuas enceradas, aos papiros, aos pergaminhos até a chegada do papel. Foram mudanças lentas mas que os copistas, os escribas tiveram que se adaptar por imposição de modificações de técnicas para escrever. Da mesma forma as variações de tipo de tintas, desde a muito antiga com base de carbono, passando pela tinta ferrogálica medieval até que no século XIX surgiu a tinta química própria para canetas-tinteiros e mais recentemente a usável em esferográficas. Estas tintas também foram subordinadas, a cada tempo, à tecnologia dos instrumentos para escrever desde o estilo ou estilete e o cálamo, sempre na antiguidade, até o aparecimento no século V das penas de aves que com sua tecnologia marcou profundamente a arte dos escribas e copistas. Foi uma técnica que desde então veio para ficar. Somente no século XIX surgiram as penas metálicas, uma nova tecnologia, que aperfeiçoada no final daquele século, originou as penas das canetas-tinteiro e por fim quase desapareceram com o surgimento da técnica das esferográficas.

Esta volta ao passado serve exatamente para uma reflexão sobre o que são novas tecnologias. Novas tecnologias fazem sempre parte de qualquer conhecimento humano. Elas sempre existiram em maior ou menor intensidade. Elas aconteceram, influenciaram, foram incorporadas ao cotidiano e desapareceram. Esta é a rotina do conhecimento humano.

A novidade tecnológica de hoje será, num futuro, um arcaísmo superado. Assim sempre foi, assim sempre será. Mas a novidade tecnológica é uma questão de vida ou morte para a sociedade e quem não a acompanha pode ser vencido por ela e sua ciência ou arte corre o risco de se tornar obsoleta, de ser superada ou mesmo ser extinta. Aos copistas e escribas do passado houve as evoluções ou involuções das formas de traçar as letras, de desenhar o seu ductos seguindo técnicas diversificadas desde os hieróglifos egípcios, das letras fenícias, gregas até se chegar ao nosso alfabeto latino. Este mesmo alfabeto latino sofreu constantes mutações das técnicas de grafar desde as capitais romanas, as letras minúsculas e as letras unciais que se modificaram e se adaptaram aos tempos medievais com suas letras regionais. Após esta fase, pressionados pelas necessidades de melhor arte e técnica de escrever chegou-se ao tempo das letras carolinas dos séculos IX ao XII, que por fatores técnicos da forma de cortar a ponta das

penas de escrever deu origem a letra dita gótica, século XII ao XVI, que foi substituída, por razões técnicas, pela nossa atual escrita humanística. Assim mais uma vez demonstra-se a tecnologia presente na vida dos manuscritos antigos e demonstra o interrelacionamento homem-tecnologia e tecnologia-homem, sendo também um poderoso fator impelindo a humanidade a novos caminhos, caminhos positivos, mas também a possíveis caminhos negativos. Quanto a atualidade do relacionamento da paleografia com novas tecnologias, neste período de parte do século XX e início do século XXI, temos que considerar as especificidades muito próprias desta ciência e de sua matéria básica de trabalho que são os manuscritos. Também neste contexto tem-se que levar em conta o objetivo da paleografia que é ler, transcrever e interpretar manuscritos, trazendo de volta a vida sua informação, seu conteúdo, sua realidade filológica e histórica.

Nos últimos cem anos, a paleografia absorveu positivamente uma preciosa evolução tecnológica. No século XIX D. Pedro II enviou a Portugal historiadores e homens cultos para copiar, um a um, documentos de interesse da história nascente do Brasil, pois não havia outra forma de reprodução. Grande avanço aconteceu quando do aparecimento da técnica da fotografia que foi, logo que possível, incorporada pela paleografia. Em seguida houve o aparecimento da cópia fotográfica ou fotocópia e pouco depois da microfilmagem. Elas se tornaram técnicas extremamente usuais e úteis proporcionando inclusive a democratização do acesso aos manuscritos e facilitando a divulgação e o aprendizado da paleografia. Neste contexto, houve um grande uso da técnica do fax para envio de documentos e troca de informações e textos.

Mas a última grande e revolucionária tecnologia surgiu nas décadas de 1980/1990 com a informática. Esta tecnologia, ainda em plena expansão e com uma irreversível influência em todas as facetas da vida do homem atual, já está presente na realidade paleográfica, seja pela digitalização de acervos, seja pela facilitação de envio, de recebimento, de divulgação e de agilidade que lhe é característica.

O paleógrafo atual já não é mais o mesmo de épocas passadas, já não é o homem isolado em meio a manuscritos, mas sim um interagente que, usando o que a tecnologia lhe proporciona, procura praticar uma paleografia de resultado, uma paleografia pragmática que responda às necessidades do momento.

Esta nova tecnologia proporcionada pela informática deve ser usada e aplicada visando o bom desempenho da paleografia no meio cultural, educacional e social. Hoje, início do século XXI, o maior desafio que a paleografia cobra da tecnologia é a possibilidade de termos um computador e um programa que leia os manuscritos. Iniciativas já existem para tal na Espanha, inclusive com nossa participação, assim como na França e em outros locais. Será esta demanda possível? Tudo, ou quase tudo, é possível mas hoje ainda temos os “senões” que impedem o encaminhamento desta tecnologia. Sua base é ter um programa, que representando todas as letras, em todas as suas formas ou ductos, assim como acentos, pontuação, numeração e abreviaturas possibilitem a leitura paleográfica da escrita de um determinado autor. Isso significa que a cada pessoa, ou mão de escriba, tenha seu próprio programa. Isto significa que não haja no documento a intervenção ou letras de outros escribas. Isto significa que parte-se do princípio que aquele mesmo autor do manuscrito nunca modifique, nem acidentalmente, sua forma de grafar uma letra, pois a máquina ficará impossibilitada de “ler” aquela parte do texto. A prática nos mostra que na maioria dos manuscritos tem-se a interferência, ou a escrita de uma segunda ou mesmo terceira pessoa, além de assinaturas diversas e despachos variados. Toda esta tecnologia, já usada experimentalmente, só se mostrou razoável se complementada, a posteriori, por um paleógrafo de carne e osso, pois a máquina, a informática, não mostrou ainda capaz de atender a totalidade das variáveis de um texto manuscrito. Falamos aqui, em hipótese de trabalharmos com textos de 20, 30, 50, 100 folhas. Se formos tratar de textos curtos, pequenos, ficaria muito mais fácil, barato e rápido entregar o mesmo para um próprio paleógrafo transcrever. Muitas outras variáveis existem num manuscrito como formas de abreviaturas, de datação, de validação que mudam no tempo, no espaço, de escriba para escriba e até mesmo no texto de um mesmo escriba.

Acredito firmemente que em um futuro teremos esta tecnologia que facilitará, de forma formidável, a necessidade de se ler e transcrever os muitos milhões de manuscritos, ainda mudos no mundo dos arquivos, mas parece, pela própria natureza humana dos manuscritos, haverá sempre a necessidade de um paleógrafo para acompanhar o trabalho quer seja complementando a máquina quer seja corrigindo suas imperfeições.

Finalizando, gostaria de prognosticar que a informática que é hoje uma formidável tecnologia mas, como outras técnicas do passado, ela um dia também passará, será substituída, findará. Entretanto tenho uma certeza que a paleografia continuará existindo e produzindo os resultados, no mínimo interessantes, que são de sua própria natureza e certamente estará respaldada por outras novas tecnologias que advirão.

As tecnologias surgem, prestam seu serviço e passam, como os homens na terra.